

Ajudar quem não consegue segurar objetos

Investigadores da Universidade de Coimbra identificaram zonas do cérebro afetadas por quem sofre deste problema neurológico



Objetivo dos dois investigadores é procurar compreender a estrutura dos problemas cognitivos

João Pedro Campos
urbano@jn.pt

Agarrar objetos e utilizá-los são atos automáticos para a maior parte das pessoas. Mas para quem sofre de apraxia, uma condição neurológica que acontece em alguns casos de acidente vascular cerebral ou demência, podem tornar-se difíceis. Um estudo da Universidade de Coimbra, desenvolvido por Daniela Valério e orientado por Jorge Almeida, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, permite conhecer melhor esta condição e dar pistas para uma futura terapêutica.

“O estudo não é clínico, não é esse o nosso âmbito. Mas com esta investigação básica podemos compreender a situação e abrir caminhos para a investigação clínica”, descreve Jorge Almeida. O investigador completa que esta investigação poderá ser utilizada, no futuro, também para a inteligência artificial, “podendo dotar robôs com uma estrutura biologicamente plausível, de maneira a segurar objetos”, aponta.

A investigação foi realizada com dois pacientes, ambos com 59 anos, que demonstravam a mes-

ma dificuldade com os objetos. Os resultados foram diferentes com os dois.

“Um usou os objetos sem qualquer problema, mas quando perguntámos o que se usa de igual forma, não consegue dizer. Por exemplo, consegue usar um piano, mas quando perguntamos, entre um teclado e um martelo, o que se usa de igual forma, não consegue responder. O outro paciente foi ao contrário, sabia dizer que um piano e um teclado se usavam da mesma forma, mas quando era perguntado como eram usados, não sabia”, revela Daniela Valério.

Segundo a investigadora, esta situação explica-se por a manipulação e o julgamento de objetos se situarem em áreas cerebrais diferentes.

“Em muitos dos casos, as duas zonas são afetadas, mas há situações, como as destes dois pacientes, em que as lesões acontecem numa das áreas e, neste caso, em áreas diferentes para cada um”, afirma Daniela Valério.

Os dois investigadores salientam que os pacientes que sofrem de apraxia não têm nenhum problema motor ou visual. “A situação é apenas neurológica”, conta



Estudo é desenvolvido por Daniela Valério e orientado por Jorge Almeida, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação



A universidade

- Universidade de Coimbra
- Localização: Paço das Escolas/Coimbra
- N.º de alunos: 25 188

a investigadora. O estudo foi publicado na revista “Cortex”, uma publicação científica internacional dedicada à investigação do sistema cognitivo.

ABRIR NOVOS CAMINHOS

O objetivo dos dois investigadores é procurar compreender a estrutura dos problemas cognitivos dos pacientes.

“Sempre que aparecerem pacientes com este tipo de dificuldades, estamos interessados em estudar e em compreender, para podermos abrir caminhos”, defende Jorge Almeida. ●